

Narrativas onde se tece a arquitectura (recensão)

Rui Jorge Garcia Ramos

Arquitectura Antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e a Suíça

André TAVARES

Porto, FAUP publicações, 2005, 309pp. ISBN 972-9483-73-6

(com prefácio de Jacques Gubler)

Num primeiro instante, ao olhar o índice do livro *Arquitectura Antituberculose* de André Tavares pode sentir-se uma vertigem. As designações dos seus capítulos como *Álbum Fotográfico*, *Aromas balsâmicos à beira-mar*, *Encontros entre dois médicos*, *Rotas helioterapêuticas*, *Le tour d'Europe*, *A morte da soleira*, *Contágio disciplinar*, *Imagem e propaganda*, *A reconstrução do Homem*, *A higiene como virtude política*, *Medicina ortogonal* ou *Natureza e Betão Armado* poderão surpreender num livro de arquitectura. Contudo são eles que apontam, desde o início, um dos aspectos mais relevantes deste texto: o modo como se entende a investigação em arquitectura. E porquê? Porque o caso de estudo de cada capítulo é apresentado como uma narrativa dedicada a um tema, configurando, no seu conjunto, uma visão panorâmica, rica de sentidos e de pontes entre saberes.

Este livro trata o período de construção dos sanatórios para a tuberculose em Portugal e na Suíça até à invenção dos antibióticos específicos. Este momento do combate à tuberculose centra a atenção nas qualidades do espaço construído, como factor capaz de regenerar os doentes, o que perspectiva o desejo de uma nova forma de vida, numa sociedade mais saudável, com uma consciência moderna do corpo, da higiene e do habitar. Todos estes aspectos, decorrentes de uma pesquisa arquivística em Portugal e na Suíça, abordam sistematicamente as interacções da arquitectura com a luta contra a tuberculose, no



1 . Clínica Heliântia de Francelos
[Arquivo Histórico Municipal do Porto]

plano técnico, social e cultural, promovidas pelos médicos Joaquim Ferreira Alves (1883-1944) e Auguste Rollier (1874-1954), e o arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957).

A investigação agora apresentada, ao inscrever-se no desdobramento destas narrativas, contribui para uma releitura (crítica) das Histórias da arquitectura. Ao clarificar o papel da Clínica Heliântia de Francelos (1929) no seio da arquitectura portuguesa do século XX, por exemplo, este livro abre outras vias de conhecimento (não canónicas) sobre os processos de difusão e construção da arquitectura moderna.

Até aos anos 60, a historiografia da arquitectura apresentava o Movimento Moderno como um estilo, registado numa sucessão coerente de obras e autores, e não como uma realização polissémica e dispersa que era. Este entendimento de Moderno, centrado em Sigfried Giedion (1888-1968) cofundador em 1928 do CIAM (Congrès International d'Architecture Moderne), defendia a transformação da sociedade pela acção da "nova" arquitectura. Esta construção da história permitiu rejeitar, esquecer e desvalorizar processos arquitectónicos com outro entendimento de moderno (e com um peso efectivo na construção da cidade) que, ocorrendo no mesmo espaço e tempo, turvavam uma leitura "branca" da obra dos pioneiros do Movimento Moderno. Esta construção do moderno foi redutora. Mas foi igualmente eficaz e essencial. Sem esta redução da complexidade ou sem a eleição de arquitecturas chave, a pretensão do desenho para todos (com maior racionalidade, eficácia e gratificação estética), de um *International Style*, não se teria constituído como um novo horizonte. A unidade de habitação tipo, onde todos deveriam ser "iguais", não teria sido sonhada.

A reivindicação da complexidade do processo onde a arquitectura se tece permitiu, desde o final da década de 60, pôr fim a uma visão ortodoxa do moderno. Assim, ao considerar outras narrativas, aceitou-se que o projecto arquitectónico é reunião de diferentes dimensões, o que define a sua necessária



2. Fotomontagem dos serviços
fotográficos das clínicas do Dr. Rollier,
Leysin

hibridez. Permitiu-se que a arquitectura se tornasse mais próxima do habitante comum.

Este livro está construído a partir destas outras narrativas. Descobre-as e defronta a construção de uma história da arquitectura do lado da complexidade, da sua diversidade cultural e semântica. Ao adoptar esta posição, André Tavares está a afirmar, não só o enredo dos argumentos em estudo mas também uma posição face ao mundo da arquitectura e da crítica contemporânea que não se compadece com a volatilidade de algum do seu pensamento.

A história da *Arquitectura Antituberculose* mostra-nos um lugar de cruzamentos de pessoas e ideias, políticas e estratégias, materiais e técnicas, que constituem uma trama onde se constrói a arquitectura. A pluralidade de narrativas apresentadas nos diferentes capítulos, não é somente consequência da abertura disciplinar a outros conhecimentos, mas também da indispensabilidade de os considerar, para além de complementares, como parte integrante do saber arquitectónico. Ou seja, a afirmação de um espaço de trabalho próprio da arquitectura, tal como a sociologia, antropologia, medicina ou engenharia... com quem necessariamente partilha áreas de saber.

Os sanatórios e clínicas estudadas ao serem a expressão das "*trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e a Suíça*" afirmam uma cumplicidade entre saberes e arquitecturas, o que permite deixar uma interrogação: e a arquitectura o que é que determina nas terapêuticas?

O livro *Arquitectura Antituberculose* foi finalista dos prémios FAD (Fomento de las Artes y del Diseño) 2006 na secção Pensamento e Crítica.